

Greve não pára hospitais

Marcello Xavier

Da equipe **Correio**

Primeiro, uma longa fila para marcar a consulta médica.

Depois, quase três meses de espera. Chegado o dia de ir ao hospital, a dona de casa Bendita Maria da Silveira, 45 anos, não conseguiu ser atendida. Logo na entrada do ambulatório do Hospital Regional de Planaltina (HRP) ouve do vigilante: "Está sem médico hoje. Eles entraram em greve." Bendita dá meia-volta e segue para parada de ônibus. Vai para casa, no Núcleo rural São José, sem saber quando fará a endoscopia. "O que faço agora?"

Esperar ainda mais é o que resta a Bendita. Os médicos da Fundação Hospitalar do DF (FHDF) estão em greve desde ontem. A regional de saúde de Planaltina foi um dos locais mais afetados no primeiro dia de paralisação. Os três centros de saúde, além do ambulatório do HRP, suspenderam as consultas. O movimento atingiu, parcialmente, São Sebastião, Gama, Guará, Taguatinga, Ceilândia e Plano Piloto.

A tática do Sindicato dos Médicos do DF (Sindmédico) é parar o atendimento ambulatorial nos centros, postos e hospitais. Ficam canceladas também as cirurgias eletivas — aquelas que não são de urgência — salvo as de transplante de órgãos e tecidos. Os médicos serão remanejados para as emergências e alas de internação dos hospitais. Com isso o Sindmédico quer mostrar que não há médicos suficientes para atender à população.

Por enquanto, governo e sindicalistas evitam falar em números.

Mas ambos reconhecem que o movimento está tímido. A maioria dos 90 centros e postos de saúde no DF esteve em pleno funcionamento ontem. "Estamos fazendo um trabalho formiguinha de mobilização", diz um dos diretores do Sindmédico Carlos Alberto Tayar. Por sua vez, o secretário de Saúde, Jofran Frejat, pediu aos diretores regionais, em reunião no final da tarde, que convençam os médicos a trabalhar.

ABURDA

Os prejuízos para a população podem ser grandes, caso os médicos parem centros e postos de saúde. De acordo com a secretaria de Saúde, são feitos, em média, 6.500 atendimentos ambulatoriais por dia. "É uma greve absurda", opina Frejat. O secretário acreditava que a categoria aceitaria a proposta do governo: esperar até agosto para atender a principal reivindicação, a volta da 20 horas semanais de trabalho.

De acordo com Frejat, há dois caminhos para resolver a questão: 1) Com a extinção da FHDF e a incorporação dos médicos aos quadros da Secretaria, Frejat propõe uma isonomia; Os médicos de saúde pública e veterinários do quadro da Secretaria trabalham 20 horas. 2) Se isso não for possível, o governo envia um projeto à Câmara Legislativa depois do recesso.

Frejat afirma que o GDF não tem como atender as cláusulas financeiras. Os médicos reivindicam reajuste 68% relativo às perdas salariais nos últimos seis anos, além dos 28% prometidos em campanha.

Jefferson Rudy



BENDITA VOLTA PARA CASA SEM FAZER EXAMES: "O QUE FAREI AGORA?"

RAIO-X DA REDE PÚBLICA

| | |
|----------------------|---------------------------------------|
| 2.800 | médicos |
| 2.300 | são do quadro permanente |
| 1.039 | trabalham 40 horas semanais |
| 12 | hospitais |
| 62 | centros de saúde |
| 28 | postos de saúde (zona urbana e rural) |
| 50.000 | partos/ano |
| 30.000 | cirurgias/ano |
| 800.000 | exames de raio-x/ano |
| 4,8 milhões | de atendimentos/ano |
| 2,448 milhões | são emergenciais/mês |
| 2,352 milhões | são ambulatoriais/mês |

■ média com base nas estatísticas de 1999

Fonte: Secretaria de Saúde do DF